# Quine e os problemas do positivismo lógico\* - 02/11/2020

A asserção inicial de Quine que Schwartz nos traz já revela a eficácia dos  
mitos sobre os quais se assentam nossa base epistemológica: quando um físico  
leigo acredita em objetos físicos. Nesse sentido do conhecimento, o tema em  
que Quine está aqui inserido é o do desmantelamento do Positivismo Lógico e  
das ideias do Tractatus, ou seja, a rejeição do uso da lógica formal para  
“resolver” problemas filosóficos e na direção de uso da uma linguagem  
comum[i].  
  
Quine é um empirista pragmático estadunidense que pretende arrumar o empirismo  
que ainda apresentava resíduos da velha filosofia no programa positivista,  
como, por exemplo:  
  
· Confiança na teoria dos dados dos sensoriais;  
  
· Reducionismo;  
  
· Lógica Formal;  
  
· Princípio de Significatividade[ii].  
  
\*\*A ruína do critério de verificabilidade para a significação.\*\* Para o  
positivismo, o enunciado é significativo \_sse\_ é ou uma tautologia (ou uma  
autocontradição) ou empiricamente verificável (ou falsificável). Então todo  
conhecimento não analítico se baseia na experiência e a eliminação da  
metafisica pela aplicação da lógica passa pela destituição de seu significado  
pela semântica da linguagem.  
  
Hempel procura mostrar que o critério de verificabilidade da significação (ou  
critério empirista do significado cognitivo, como ele o chamava) era um  
trabalho prodigioso, porém uma tarefa irrealizável. Além de apresentar um  
problema autorreferencial: o critério de verificabilidade da significação não  
se aplica a si mesmo pois é cognitivamente sem sentido, daí que se torna uma  
recomendação. Mas, se é assim, por que segui-lo?  
  
\*\*Da significação à verificabilidade.\*\* Popper irá propor um critério  
diferente de demarcação baseado no princípio da falsificação, ou seja, de  
falsificabilidade ou refutabilidade e, portanto, testatibilidade das  
proposições. Levando-se em conta esse critério de Popper o marxismo seria  
intestável.[iii]  
  
O problema do critério de Popper é a dificuldade em se testar teorias  
científicas de maneira direta, pois até o darwinismo seria não testável assim,  
se tornando uma “metafísica útil”. Porém, o critério da verificabilidade de  
Popper é menos rígido que o critério de verificabilidade da significação, pois  
visa checar se uma teoria (ou a metafísica) é ou não ciência, não questionando  
o seu significado. Assim, Popper rejeita Carnap e o positivismo.  
  
\*\*Quine e a rejeição da distinção analítico/sintético.\*\* Quine enfatiza a  
distinção criada por Kant e muito usada pelos positivistas, principalmente no  
critério de verificabilidade da significação, pela qual podemos assumir:  
tautologia = “analiticamente verdadeiro”. Para ele, trata-se de um dogma  
metafísico pois não foi traçada uma fronteira entre proposições analíticas e  
sintéticas, permanecendo um artigo de fé metafísico.  
  
A fonte da distinção, conforme Schwartz, é o texto de Quine “Dois dogmas do  
empirismo”, considerado o mais lido da filosofia analítica, que revela os dois  
dogmas infundados: crença na clivagem entre as verdades analíticas e as  
sintéticas baseadas em fatos e no reducionismo de proposições significativas a  
construtores lógicos.  
  
Schwartz ressalta que, embora a argumentação de Quine seja compreensível, os  
detalhes não são evidentes e utilizam noções complexas como analiticidade e  
sinonímia. Na verdade, para Quine, a explicação das proposições analíticas  
dependem de sinônimos em sua definição, ao invés do significado, que levam a  
recorrência da analiticidade e isso torna a argumentação circular.  
  
A crítica ao significado usado pelos positivistas parece tão evidente que fica  
difícil que Quine nos convença do contrário. Porém, se os exemplos são  
investigados, em algum momento a indistinção entre generalizações empíricas e  
elementos puros de significado linguístico tornam essa fronteira  
indiscernível.[iv]  
  
   
  
\* \* \*  
  
\* \_Uma breve história da filosofia analítica de Russell a Rawls\_. Schwartz, Stephen P. São Paulo: Edições Loyola, 2017, Capítulo Três.  
  
[i] Sobre o Tractatus e a teoria da afiguração que já nos dá uma boa ideia de  
como Wittgenstein pretendia resolver os problemas:  
[https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2020/09/wittgenstein-e-teoria-da-  
figuracao.html](https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2020/09/wittgenstein-  
e-teoria-da-figuracao.html).  
  
[ii] Sobre os princípios norteadores do programa positivista, consultar em  
nosso blog uma reflexão anterior:  
[https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2020/10/o-programa-do-positivismo-  
logico-i.html](https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2020/10/o-programa-do-  
positivismo-logico-i.html).  
  
[iii] Aqui há uma certa querela entre os empiristas que consideravam o  
marxismo não científico e os marxistas que consideram o empirismo uma doutrina  
burguesa reacionária.  
  
[iv] Sobre generalização:  
<https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2019/06/principios-logicos.html>.